

DIÁLOGOS SOBRE MASCULINIDADES INDÍGENAS NA COMUNIDADE TAXI DA TERRA RAPOSA SERRA DO SOL EM PACARAIMA-RR¹

Gilmara Pinheiro de Andrade - UFAM/Amazonas

Palavras-chave: masculinidades, indígenas, macuxi

Este trabalho é resultado da visita à comunidade Taxi, na terra indígena Raposa Serra do Sol no município de Pacaraima em Roraima. O Diálogos sobre Masculinidades é a etnografia que venho desenvolvendo no curso de doutorado em antropologia social da Universidade Federal do Amazonas com homens universitários sobre suas vivências dentro e fora desse espaço acadêmico.

Submetido ao GT 089 - Masculinos em relação: pessoas, mundos sociais e etnografias da complexidade, por contemplar a temática e abordar contextos que envolvam comunidades indígenas em sua proposta de discussão. De modo a contribuir para os debates que serão realizados, assim como aprimorar a construção da tese com a troca de conhecimentos com outros pesquisadores/as da área dos estudos das masculinidades.

FIGURA 01: Encontro sobre masculinidades indígenas com universitários



Fonte: Registro da autora

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

Em fevereiro de 2025 realizei na Universidade Federal de Roraima o encontro sobre masculinidades indígenas com acadêmicos da licenciatura em educação do campo (LEDUCAR), oportunidade em que recebi o convite para levar o debate à comunidade indígena do Taxi. Realizei por meio deste projeto de extensão e pesquisa uma roda de conversa com homens e mulheres dentro da comunidade em dezembro de 2025. Na ocasião as pessoas presentes participaram de dinâmicas que foram realizadas em torno da noção do que é ser homem em uma perspectiva indígena da etnia macuxi.

Percebi ao longo desses três anos em que venho desenvolvendo essa pesquisa, que o tema de masculinidades e o formato metodológico que escolhi para a pesquisa (em grupos de conversa), é um interesse coletivo e de muitas pessoas que não tiveram o contato direto com o assunto de uma forma mais científica. E que acaba sendo mais presente no ambiente universitário esses debates que envolvem as performatividades de gênero masculino. Sendo, portanto um assunto de interesse para toda uma sociedade.

De acordo com Mara Viveros, o tema das masculinidades indígenas foi pouco explorado na Nossa América, e ela destaca quais seriam os fatores que levam a essa marginalização do tema:

Como os homens “negros”, os homens indígenas têm sido objeto de múltiplos estereótipos e imaginários, porém de natureza muito distinta. Enquanto os homens “negros” têm sido percebidos como hipersexuais e hipervirais, mas também como pais ausentes, cônjuges infelizes e estudantes fracassados, os homens indígenas são imaginados como homens primitivos e bons selvagens. Estes estereótipos geraram obstáculos ideológicos, teóricos e metodológicos que explicam a ausência, a marginalização e a negligência dos estudos sobre homens indígenas no geral e particularmente sobre aqueles que têm práticas sexuais homoeróticas (VIVEROS VIGOYA, 218, p.76).

É necessário que se destaque que essas masculinidades exercem forte influência na formação das práticas sociais dos homens no norte do Brasil, sendo essencial compreender quais são essas percepções e diálogos que se constroem na Amazônia, do conceito e prática do que é ser homem.

O encontro sobre Masculinidades indígenas foi realizado na UFRR, no período em que eu estava realizando o meu estágio docente II, na disciplina de Antropologia e Identidade sob a supervisão do prof. Dr. Eriki Aleixo. A predominância no LEDUCAR é de universitários/as indígenas que se deslocam à Boa Vista para cursar a faculdade.

Na ocasião diversos participantes indígenas estiveram presentes e pude etnografar o debate gravando toda a reunião em áudio. Uma das alunas da disciplina a Laryssa da etnia Macuxi da Terra Raposa Serra do Sol no município de Pacaraima, fez a abertura do encontro com o Canto de Recepção (KEWE TATAXIMPAY).

Foi a acadêmica que fez o convite para irmos até a sua comunidade realizar a roda de conversa, segundo ela esse é um debate que ainda não chegou lá, e que ela percebe a importância de desenvolver esses diálogos junto às suas lideranças e com todos moradores na comunidade Taxi.

FIGURA 02: Viagem e chegada na comunidade



Fonte: Registro da autora

Viajamos em um sábado pela manhã saindo em torno de 8h00 da capital Boa Vista, uma duração média de 4 horas até a chegada na comunidade. O encontro ocorreu pela tarde, após a finalização fomos em um riacho ao redor da comunidade e em seguida retornamos para Boa Vista, chegando a noite na cidade. Participaram do trabalho de campo dois estudantes do curso de História e um dos interlocutores da pesquisa.

No início do debate foi pontuado por uma das lideranças que o olhar da sociedade branca para o homem indígena foi sempre de alguém bruto, mas que isso não é uma verdade e sim um estereótipo que foi disseminado. Explica a sua visão sobre o que é masculinidade: “Para ser um chefe de um povo não precisa ser na força, mas também na

inteligência, um grande líder não conquista na força sendo esse macho, mas com inteligência e com respeito”.

O tuxaua convocou toda a comunidade do Taxi I, a estar presente no encontro, deste modo estavam não apenas homens no debate, mas também mulheres, assim como os jovens. Todos tiveram abertura e liberdade para se manifestar em relação ao tema. Os próprios homens se manifestaram e disseram vamos ouvir as mulheres, o que elas têm a falar.

A abertura foi feita pela própria comunidade com um momento de oração feita por um dos anciãos. Me refiro a Taxi I, pois a comunidade se dividiu em duas devido a um fator religioso que segundo eles após a chegada de um pastor adventista gerou a não aceitação da religião católica que era exercida.

Nas falas femininas foram pontuadas as diferenças que elas percebem hoje dentro da sua comunidade em relação a participação delas nos espaços de discussão, que outrora era predominantemente masculina. Porém percebem que ainda há tensões quando se trata de aceitar as ideias sugeridas por elas, como se as mesmas não valessem.

Falam ainda do fato de que os homens indígenas querem que a mulher esteja grávida todo tempo, enquanto eles podem estar livres para saírem. E afirmam “esse tempo já passou, hoje acontece que os homens ficam chateados pelas mulheres não quererem ficar grávidas, você escolhe estudar ou ficar grávida”.

As falas delas foram ouvidas sem nenhum questionamento ou manifestação contrária dos homens presentes. Porém eram percebidos olhares, cochichos e risos em alguns momentos de falas de ambos, tanto homens quanto mulheres. Algumas mulheres sentiam-se tímidas e um pouco receosas de falarem sua opinião na presença dos maridos, mas concordavam com a manifestação daquela que elas elegiam para falar como representante da opinião das mulheres, e endossavam a fala desta.

Um dos homens ancião da comunidade diz que para ele masculinidade é um conjunto de pessoas diferentes. E se refere ao momento do encontro como uma oportunidade de formação para todos. Ele relembra os ensinamentos dos seus ancestrais, e diz que estes têm grandes saberes e memórias, são uma grande universidade que nos ensinam. Reforça a ideia da diferença entre as pessoas, que cada família tem a sua cultura e sua própria vivência. Diz que seu pai lhe contava histórias, seus pais foram educadores de seus filhos.

Ele continua dizendo que antigamente se prendiam muito as mulheres, agora todos têm liberdade, tem seus direitos, são iguais. E diz que entende que isso é masculinidade, se juntar com a família e com a comunidade, trabalhando juntos pelo bem comum de todos.

Pude perceber que para eles o nome masculinidade era algo novo, como se fosse algo realmente mais usual em ambiente universitário como o que estamos inseridos, sendo mais comum o termo homens ou masculino. Porém na elaboração dos conceitos sobre o que é masculinidades, dentre todas as rodas de conversa que realizei ao longo da pesquisa, foram os que tiveram mais facilidade de elaborar e expressar suas percepções de maneira clara e externando as complexidades que giram em torno do tema com analogias próprias dos saberes indígenas.

FIGURA 03: Malocção da comunidade



Fonte: Registro da autora

Alguns destes conceitos elaborados durante a roda de conversa foram: “as masculinidades não vêm só de ser homem, mas de respeito, de ouvir a opinião do outro, entender o lado do povo, como exemplo do tuxaua para que todos tenham uma boa convivência”. Um professor indígena de filosofia conceitua com uma analogia à natureza: “masculinidade é um rio em que todas as ideias convergem para o mesmo sentido, e se não tiver obstáculos as coisas correm tudo bem, nós somos uma dessas fontes que levam esse conhecimento para o rio”.

FIGURA 04: Momento da dinâmica em grupo



Fonte: Registro da autora

Realizamos uma atividade prática em dois grupos de homens e mulheres, em comum acordo eles poderiam escolher palavras que representam essa noção do que é ser homem. No grupo dos homens foram escolhidas (pai, responsável e racional), e no grupo das mulheres (responsável e macho), para elas o primeiro é o que deve ser um homem, e o segundo é como se comportam os homens. Ambos tiveram em comum a palavra responsável como uma característica sendo associada ao que representa ser um homem.

FIGURA 05 - O que é ser homem?



Fonte: Registro da autora

A ideia da dinâmica que desenvolvi principalmente em oficinas que ministrei sobre masculinidades, era que cada um escolhesse uma palavra do que para ele representasse o que é ser homem, ou como deveria ser um homem. Pela quantidade de participantes tivemos a ideia na hora de dividir em dois grupos e que escolhessem uma palavra de forma comum entre todos.

Durante o período da discussão entre os grupos, foi percebido que de certa forma todas as palavras como apontado por um deles, poderiam representar o que deveria ser um homem, pois ele diz que o homem para defender sua família ele precisa ser “agressivo”, uma das palavras que estavam lá. E pontua que o homem são todas essas palavras, é formado por um pouco de cada uma e aciona cada característica no momento que é necessário, segundo um dos participantes homem.

O debate das masculinidades indígenas junto ao povo macuxi, abriu um espaço coletivo para falar sobre relações de gênero dentro da comunidade e possibilitou discutir diversos assuntos que perpassam o campo da antropologia das masculinidades, levantou-se pautas que segundo os participantes são pertinentes e importantes para a boa convivência e resolução de conflitos que ocorrem. Assim percebi a relevância e necessidade de expansão desses diálogos para outros povos indígenas observando sempre suas particularidades culturais.

Todos participantes do encontro realizado na comunidade receberão o certificado emitido pela universidade de participação no projeto Diálogos sobre masculinidades. Ao longo da etnografia essa tem sido a devolutiva pela contribuição que os interlocutores realizam para a construção da tese.

Referências Bibliográficas:

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2018.